

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE IDOSO E ENVELHECIMENTO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Tamires Folco Lopes¹; Paulo Sérgio de Oliveira Junior²; Sueli dos Santos Vitorino³; Geovana Mellisa Castrezana Anacleto⁴

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: paulogoliveira3882@gmail.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: tamires_folco@hotmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: suelivitorino@umc.br
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: geovanamc@umc.br

Área de conhecimento: **Psicologia social**

Palavras-Chave: Desenho-estória; representação social; envelhecimento; idoso.

INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, conforme o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2016), é considerada idosa a pessoa que tiver idade igual ou superior a 60 anos. A população idosa adquiriu enorme importância e é recorrente nos meios acadêmicos, em particular, na área da saúde, com a adoção do termo Gerontologia, isto é, “campo multi e interdisciplinar que visa à descrição e à explicação das mudanças típicas do processo do envelhecimento e de seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais”. (NERI, 2005, p. 95). Wuo (2008) aponta que o envelhecimento é um processo vivido por todos, que se inicia desde o nascimento e estende-se ao longo do curso de vida. Entretanto, a sociedade escolheu um determinado período da vida para denominar como velhice, atribuindo a ele aspectos negativos, como doenças, finitude da vida. Com isso, tende-se a atribuir concepções pré-estabelecidas sobre a velhice: “na velhice encontramos pessoas tipicamente indispostas, ranzinzas ou chatas, enquanto que na juventude vigora a imagem de plena disposição para atividades, simpatia e bom humor” (WUO, 2008, p. 5). Neri (2005) faz uma distinção entre os termos idosos, velhice e envelhecimento, em que “idoso”, segundo a autora, pode ser considerado como um indivíduo ou uma população; “velhice” é considerada pela mesma autora como a última fase do ciclo vital, marcada por perdas e restrições; já “envelhecimento” é um processo universal condicionado geneticamente para cada sujeito. Esta pesquisa optou por ancorar o estudo à teoria das representações sociais de Serge Moscovici, a qual considera que a construção de um saber de senso comum é o resultado das interações sociais partilhadas por um determinado grupo social. Esse conhecimento socialmente construído e organizado tem como finalidade apreender aquilo que atrai esse grupo, tornando o homem um ser produtor e, ao mesmo tempo, produto da realidade social (RIBEIRO, COUTINHO & NASCIMENTO, 2010). Os mesmos autores completam que, sendo resultado de uma atividade mental, a representação social tem por função transformar em comum e conhecido, aquilo que não é, reconstituindo o real que, inicialmente, se mostra como um fator de confronto. Sua elaboração ocorre ao longo de toda existência humana, conferindo-lhe um caráter de permanência, sendo o somatório de representações singulares, consequência da vivência individual, que possui um caráter de diversidade (RIBEIRO, COUTINHO & NASCIMENTO, 2010).

OBJETIVOS

A presente pesquisa teve por objetivo geral investigar a representação social do idoso e do envelhecimento de alunos de Psicologia de uma Universidade do Alto Tietê. Sendo definidos como objetivos específicos: levantar a qualidade de vida dos estudantes, identificar as representações sociais sobre envelhecimento pelos estudantes, comparar se há diferenças nas representações dos estudantes, de acordo com o ano em que estejam cursando e identificar as expectativas no trabalho com pacientes idosos.

MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa com natureza empírica, de campo, com caráter descritivo, delineamento correlacional, com amostra intencional de corte transversal. Na análise dos dados coletados, realizou-se uma análise mista, quantitativa e qualitativa.

- **Participantes**

Participaram deste estudo 50 estudantes de Psicologia de uma universidade particular do Alto Tietê, sendo 10 participantes por seriação anual (primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto anos).

- **Materiais e instrumentos**

Acerca dos materiais éticos da pesquisa, foram utilizados: o parecer do Comitê de Ética e Pesquisa que autorizou a pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e o Termo de Autorização da Instituição (TAI). Quanto aos instrumentos de pesquisa, foram utilizados, questionário de pesquisa, “WHOQOL – BREF” e o Desenho- Estória com Tema.

- **Procedimento**

Para a coleta de dados, optou-se por aplicar os instrumentos de maneira coletiva, em sala de aula, no horário de aula, previamente estabelecido com o professor. O primeiro instrumento aplicado foi o desenho – estória com tema, na qual os participantes desenharam um idoso, em seguida, os mesmos escreveram uma estória sobre o mesmo tema, com começo meio e fim, no verso da folha de desenho e, por último, foi solicitado a todos que dessem um título para a estória escrita. Posteriormente, os participantes responderam ao WHOQOL – BREF e, por fim, ao questionário da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados aqui apresentados referem-se às informações coletadas e tratadas de modo a permitir a construção da categorização da população amostra. A amostra foi composta, majoritariamente, por pessoas com idade entre 21 e 30 anos (60%) que, comparando com a literatura, está de acordo com o perfil de estudantes de psicologia, como Leite et. al (2011) encontrou em seu estudo, cujo objetivo era caracterizar a expectativa do psicólogo no mercado de trabalho, demonstrou que 94% dos participantes tinham idades entre 21 e 35 anos. 82 % dos participantes é constituída pelo sexo feminino. Pode-se dizer que as informações obtidas estão análogas aos dados encontrados no estudo apresentado por Wu (2008), cuja pesquisa serviu de base para este estudo. Na sua população amostra de

pesquisa, houve predominância do público feminino. No artigo escrito por Yamamoto, Falcão e Seixas (2011), cujo objetivo era articular sobre a elitização do curso de Psicologia, usando como dados de análise as informações do questionário sociodemográfico dos alunos que prestaram a prova do ENADE no ano de 2006, 84% da população amostra foi constituída pelo público feminino. Quanto ao contato com os avós, 68% das pessoas disseram ter avós ainda vivos e, desta população, 58% pessoas tem contato com os mesmos. Wu (2008) demonstrou que 74,6% dos participantes tinham contato com pessoas idosas, sendo este contato proveniente do ambiente familiar, o que nos leva a pensar que o curso de Psicologia poderia facilitar ainda mais o contato destes futuros profissionais com as demandas provenientes da população idosa, para que este conhecimento seja expandido para além das dinâmicas familiares. Quando analisado o desenho feito pela amostra da pesquisa, verificou-se que 70% das pessoas representam o idoso através da figura 'pessoa' no desenho, no entanto, um fator que chama a atenção é se o idoso está diretamente relacionado com o fato de ser um representante de uma 3ª geração, correspondendo a de avós. Ou seja, há uma relação direta ser idoso (a) e ser avô(ó)? Talvez esse conflito tenha refletido na elaboração de desenhos de pessoas mais joviais do que o esperado. Lopes e Park (2007), em um estudo sobre a representação social de idoso e envelhecimento em crianças, afirmam que há, atualmente, uma coexistência de imagens, em que são apresentados nuances de idosos, entre aqueles acometidos por doenças típicas da velhice, e aqueles que participam ativamente, na terceira idade. Esse fenômeno é muito comum, segundo os autores, visto que as representações sociais possuem um caráter dinâmico, passíveis de mudança, conforme a sociedade e sua busca em compreender o que, aparentemente, não faz sentido e gera conflito (LOPES & PARK, 2007). Ainda acerca dos desenhos de pessoas joviais, Santos (2002), partindo dos estudos da psicologia social, considera que o idoso é uma categoria construída socialmente, institucionalizada, cujas características, dentre outras, seriam o senso de inutilidade e ausência do convívio social e, conseqüentemente, de autonomia. Contudo, a análise desses desenhos pode supor que o idoso, no papel de avô ou avó, ainda se encontra num papel ativo, possuindo profissão, compromissos sociais e financeiros. Esses desenhos levam a refletir que a pouca idade dos avós cria uma nova representação de idosos, mais jovens que a faixa etária prevista por órgãos como a OMS para eles, porém, são a referência que os participantes possuem. Dessa forma, "idoso" e "pessoa mais velha da família" seriam correspondentes. Schneider e Irigaray (2008) também apontam que, além da idade cronológica, há as idades biológica, social e psicológica. Quanto à idade social, em virtude dos papéis sociais dos indivíduos em sociedade, podem-se considerar as pessoas em atividade como adultas e não idosas, visto que não se retiraram do mercado de trabalho (SCHNEIDER & IRIGARAY, 2008). Os elementos primários da cena que mais apareceram (25 vezes ou 50%) foram os idosos, e os elementos secundários que mais apareceram (14 vezes ou 23%) foram a bengala e os móveis (tabela 5). A imagem do idoso está associada a um estado de paralisação, com uma dinâmica pouco diversificada, cabendo a atividades como ir ao mercado, cozinhar para os filhos, passeio a praças e algumas viagens. O idoso já não tem relação ao profissional ativo que é demonstrado pelo adulto. A interação familiar é uma das formas de lazer, ao mesmo tempo em que é recorrente o idoso solitário e triste. Percebe-se que há uma redução de formas de socialização, quer pela diminuição das atividades sociais, quer pela maior presença do idoso em ambientes nos quais ainda consegue locomover-se com certo amparo, como o ambiente familiar. A dependência é um conceito diretamente relacionado ao envelhecimento, em particular, aos idosos com problemas patológicos (CALDAS, 2003). Segundo a autora, são poucas as ocorrências em que se nota uma dependência financeira, e à família cabe o cuidado informal, visto que não é feito diretamente por um profissional da saúde (CALDAS, 2003). Um aspecto recorrente, tanto no Título (22%), quanto na Estória (22%) é o fato de o elemento "História de Vida" estar associado ao idoso. Sua representação, portanto, está diretamente relacionada à experiência de vida. Paralelamente a isso, o elemento

“Sentimentos”, na estória, também é muito frequente (10%), enfatizando-se seu aspecto emocional. Por outro lado, tanto “Rotina” quanto “Atividade física” obtiveram 12%. Nota-se uma associação do idoso a uma inércia, o que é corroborado com a presença de elementos secundários, como móveis, bengalas, acessórios pessoais. A presença de tais elementos também foi destacada no estudo de Lopes e Park (2007), em que crianças, cuja representação social baseia-se em sua realidade imediata, associam aparência ao envelhecimento, bem como limitações físicas ocasionadas por doenças, ou seja, ainda prevalece a imagem de envelhecimento como período de perdas e adoecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se pouca ou quase nenhuma variação entre as respostas dadas de acordo com o ano do curso, mostrando-se de certo modo homogêneas, em que as representações dos alunos acerca do idoso e do envelhecimento não sofrem alterações no decorrer do curso de Psicologia. Com base nos resultados expostos, pode-se dizer que a hipótese inicialmente levantada foi confirmada, visto que grande parte da amostra da pesquisa possui contato com idosos em âmbito familiar, tendo interesse em trabalhar futuramente com a população idosa. Atualmente, o curso de Psicologia tem focado seus estudos desde o desenvolvimento infantil até a fase adulta, sendo pouco abordados aspectos inerentes ao envelhecimento ‘normal’ do ser humano, desta forma, faz-se necessário que sejam de conhecimento as representações dos futuros profissionais sobre esta fase da vida para, assim, diminuir preconceitos e estereótipos acerca do idoso. São notórias as limitações deste estudo no que se refere ao número da amostra de pesquisa (n= 50), sendo assim, não é possível generalizar os resultados obtidos. Declara-se que não houve conflito de interesse: embora os alunos fossem estudantes de psicologia, não houve contato com a população amostra. Deste modo, sugere-se que novas pesquisas sobre esta temática de representação social sobre o idoso e o envelhecimento, com uma amostragem maior, sejam realizadas, visto haver uma carência em pesquisas nessa vertente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto do idoso**: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, e legislação correlata. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016.

CALDAS, Célia Pereira. Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. 733-781, 2003.

LEITE, Eslei Rangel et al. Análise das expectativas do psicólogo recém-formado. **Encontro**: revista de psicologia, Londrina, v. 21, n. 14, p.105-125, jun. 2011. Disponível em: <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/viewFile/2498/2392>. Acesso em: 21 jun. 2018.

LOPES, Ewellyne; PARK, Margareth Brandini. Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 2, 2007.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Editora Alínea, 2005, p. 95 – 115.

RIBEIRO, Karla Carolina Silveira; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; NASCIMENTO, Emily da Silva. Representação social da depressão em uma Instituição de Ensino da Rede Pública. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 30, n. 3, set. 2010. p. 448-463.

SANTOS, Geraldine Alves. Os conceitos de saúde e doença na representação social da velhice. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2002.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008

WUO, Bruna Billio. **Jovem hoje, velho amanhã**: a visão do jovem sobre o envelhecimento um estudo de representação social. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, PUC, São Paulo, 2008.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime; FALCÃO, Jorge Tarcísio da Rocha; SEIXAS, Pablo de Sousa. Quem é o estudante de Psicologia do Brasil? **Avaliação Psicológica**, Campinas, v. 3, n. 10, p.209-232, dez. 2011.